

UM NOBEL COMPLEMENTAR

Roberto Rodrigues*

Saiu o prêmio Nobel da Paz em sua versão para 2020: quem levou o ambicionado troféu foi o Programa Mundial de Alimentos da Organização das Nações Unidas, por seu papel na segurança alimentar global.

Claro que o combate à fome não se faz apenas com o aumento da produção de alimentos. Mesmo atualmente, segundo a FAO, já se produz no mundo toda comida suficiente para toda a população e, mesmo assim, quase 800 milhões de pessoas vivem com insuficiência alimentar. Fatores conhecidos levam a isso, entre os quais a falta de poder aquisitivo para a maior parte desses subnutridos, além das perdas e desperdícios de alimentos ao longo do trajeto desde o campo até o prato do consumidor (que no caso de hortifrutigranjeiros chegaria a 30% do que foi produzido), a falta de logística e/ou de cadeias organizadas de distribuição, etc.

Mas o importante foi o reconhecimento do Comitê do Nobel ao tema, que de certa maneira reconhece também o espetacular crescimento da oferta de alimentos em todos os continentes com base nas tecnologias e inovações introduzidas nos sistemas produtivos. E logo nos ocorre a famosa previsão de Thomas Malthus feita no século XVIII de que o Homem não conseguiria alimentar toda a população crescente: *fake news*, diriam hoje.

Há estudos muito interessantes a respeito: de 1920 a 2010, o número de terráqueos saltou de 2 bilhões para 7 bilhões, algo inimaginável. Apesar disso, a taxa de mortalidade por fome caiu, em cada 100 mil pessoas, de 82 em 1920 para 0,5 em 2010. E mais: morre mais gente por obesidade do que por fome. Claro que os números são explicados por outras razões, como guerras e as políticas dramáticas de extermínio em alguns países. Mas não importa. Realmente a ciência e os produtores rurais se juntaram e, muitas vezes com políticas públicas altamente eficientes de apoio aos processos de produção, foram capazes de desmentir Malthus e outros arautos do fim do mundo.

Não estávamos aqui no Brasil nem um pouco longe dessa conclusão, como prova a publicação do livro “Agro é Paz” pela Cátedra do Agronegócio da USP em janeiro de 2018, com uma estratégia para garantir segurança alimentar global até 2030.

A pandemia do Covid-19 pode ter influenciado o Comitê do Nobel. Afinal, ficou claro que é possível viver sem comprar roupas ou eletrodomésticos, mas não sem alimentos.

No entanto, há um fator tão importante quanto a eliminação da fome: a sustentabilidade, que incorpora questões como a preservação dos recursos naturais, a garantia de equidade social e econômica em qualquer atividade produtiva. Esta questão essencial para a sobrevivência da humanidade está explicitada na Agenda 2030 formulada em 2015 por 193 chefes de Estado ou seus representantes em reunião na ONU, em Nova York: os 17 ODS, Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, com seus 169 subprojetos.

Tomara que o Comitê do Nobel compreenda essa temática com a mesma clareza com que olhou a segurança alimentar e, em 2021 ofereça o prêmio ao setor

que mais contribui para a sustentabilidade: a atividade agropecuária. E, sem dúvida, sob essa visão, o agro brasileiro será o primeiro da fila.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Titular da Cátedra de Agronegócios da USP.**